

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 reis.

DIRECCÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

Reassumindo a direcção litteraria do « Album », agradeço de todo o coração ao meu illustre amigo e collega Valentim Magalhães o brilhantismo, a solicitude e o desinteresse com que me substituiu neste posto durante a minha curta ausencia.

Arthur Azevedo.

SUMMARIO

COMMENDADOR RIBEIRO DE CARVALHO. . .	Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE. . .	A.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. ABEL PARENTE

CONCURSO POETICO

No n. 17 do *Album*, distribuido em Abril proximo passado, publicámos as seguintes linhas :

« A redacção do *Album* resolve pôr em concurso a traducção, em versos portuguezes, do celebre soneto de Joséphin Souлары, *Rêves ambitieux* que abaixo reproduzimos.

Cada traducção deve vir em carta fechada, trazendo como assignatura um pseudonymo desconhecido, e acompanhando uma sobrecarta que contenha o verdadeiro nome do traductor. Essa sobrecarta só será aberta pelos membros do jury depois do respectivo julgamento.

Não se admittem traducções anonymas.

Cada um dos traductores indicará, ao lado da traducção, o nome de um poeta residente nesta capital ; o jury será constituído pelos tres poetas cujos nomes forem indicados o maior numero de vezes.

Todas as traducções recebidas serão insertas no nosso n. 24, que apparecerá em Junho proximo. A decisão do jury, o soneto premiado e o nome do traductor serão publicados no numero seguinte.

Consistirá o premio n'uma assignatura permanente do *Album*. O premiado receberá de uma vez todos os numeros já publicados e periodicamente todos quantos se publicarem d'ahi por diante, seja qual fór a duração do *Album*.

Eis o soneto :

RÊVES AMBITIEUX

Si j'avais un arpent de sol : mont, val ou plaine,
J'y voudrais un peu d'eau : torrent, source ou ruisseau ;
J'y planterais un arbre : olivier, saule ou frêne ;
J'y construirais un toit : chaume, tuile ou roseau.

Sur cet arbre un doux nid : gramen, duvet ou laine,
Retendrait un chanteur : pinson, merle ou moineau ;
Sous mon toit un doux lit : hamac, natte ou berceau,
Retiendrait une enfant : blonde, brune ou châtaine.

Je ne veux qu'un arpent ; pour le mesurer mieux,
Je dirais à l'enfant la plus belle à mes yeux ;
Tiens toi debout devant le soleil qui se lève ;

Aussi loin que ton ombre ira sur le gazon,
Aussi loin je voudrais borner mon horizon :
Tout bonheur, que la main n'atteint pas, est un rêve !

JOSÉPHIN SOULARY.

Nota importante :

O soneto deve conservar, traduzido, a fórma caprichosa que lhe deu o poeta, apresentando, como no original, tres vocabulos connexos em cada um dos segundos hemistichios dos oito primeiros versos. Essa condição é indeclinavel.

Os traductores podem remetter os seus trabalhos á direcção do *Album*, rua dos Ourives n. 7.»

Desempenhando-nos do compromisso tomado, publicamos hoje as dezeseis traducções que nos foram remetidas, guardando, em ordem numerica, as datas do recebimento.

N. 1

ALTOS VOTOS

Se eu tivesse algum chão: montanha, valle ou seara,
Quizera um pouco d'agua: arroio, olho ou cachoeira;
Uma arvore plantára: ipé, cedro ou palmeira;
Erguêra um tecto: telha van, colmo ou coivara.

Na arvore um ninho bom: frouxel, palha ou taquara,
Reteria um cantor: sabiá, melro ou colleira;
Sob o tecto um bom leito: estrado, rede ou esteira,
Reteria uma huri: parda, morena ou clara.

Basta um pequeno chão; para que o demarcasse,
Pediria á mulher que mais me enamorasse:
—Fica em frente do sol que vem rompendo em gloria;

Até onde na selva a tua sombra avance,
Apenas até lá meu horizonte alcance:
Ventura, que na mão se não colha, é illusoria!

Z. MARCAS.

N. 2

SONHOS AMBICIOSOS

Tendo uns palmos de chão: monte, valle ou campina,
Agua eu quizera ahí: lago, fonte ou ribeiro;
Ahi plantára um páo: cedro, freixo ou salgueiro;
Seria o tecto meu: sapé, colmo ou fachina.

Na rama um ninho tal: pennugem, paina ou crina,
Conteria um cantor: nhapim, melro ou ferreiro; (1)
Um leito menos máo: berço, rede ou palheiro, (2)
Teria uma bebé: loura, fusca ou albina.

Basta, não quero mais: para medida certa,
Eu diria á sinhá mais bella e mais esperta:
Conserva-te de pé ao sol que vem risonho.

De tua curta sombra o espaço, que se conte, (3)
Nem mais nem menos, seja o do meu horizonte:
Se está longe da mão, toda a ventura é sonho!

TANGEFOLLES.

- (1) Tenho ouvido dar o nome de ferreiro á araponga.
(2) Em casa pobre póde ver-se cama de criança sobre palha.
(3) Commummente se diz: medir o espaço, mas tambem se dá o numero de palmos, ou de braças, ou de kilometros, etc.

N. 3

SONHOS AMBICIOSOS

Numa geira de terra em val, planicie ou leira,
Um fio d'agua a correr: fonte, arroio ou torrente;
Uma arvore, a saber: chorão, freixo, oliveira;
Um tecto: telha, colmo, ou burity virente;

Na arvore um ninho: lan, frouxel ou graminheira;
Neste: um melro, pardal, tentilhão (é indif'rente);
No lar: num berço, rede, ou coxim do Oriente,
Uma menina: loura, ou morena, ou trigueira.

—Eis o meu ideal; uma geira é bastante;
P'ra medil-a, eu diria á menina galante:
Colloca-te de pé, diante do sol nascente;

Tanto quanto na relva a tua sombra marcar,
Assim quero o horizonte meu delimitar:
O bem que ás mãos se esquivia é sonho inconsistente.

GRACCHUS.

N. 4

SONHOS AMBICIOSOS

Se eu tivesse uma geira: ou plaino, ou monte, ou val,
Agua quizera ahí ter: veio, arroio ou ribeiro,
Uma arvore plantar: freixo, oliva ou salgueiro,
E uma casa fazer,—de p.os, telha ou rosal;

Nessa arvore prender, de lan, grama ou palheiro,
Um ninho, e um bom cantor: melro, tordo ou pardal,
E quizera inda ter—berço ou rede, um local,
Que guardasse um bebé,—roseo, louro ou trigueiro.

Quero uma geira só; por que bem a medisse,
Eu diria a mulher mais formosa que visse:
Fica em pé diante o sol, que alem surge em fulgor;

O circulo que a sombra em derredor te marca,
Todo o meu horizonte exactamente abarca;
Que o bem, que não se attinge, é sonho enganador!

GARIMPEIRO.

N. 5

SONHOS AMBICIOSOS

Uma geira houvesse eu: valle, alto ou varzea-plena
E um pouco d'agua alli: riacho, fonte ou raudal,
Que uma arvore eu plantára: orneiro, alamo ou alfena,
E erguêra um tecto ao pé: telha, haste ou palhegal;

Na arvore—um ninho bom: vello, graminea ou penna,
Eu teria um cantor: melro, lugre ou pardal;
Sobre um leito—em meu lar: berço, rede ou juncal,
Uma criança gentil: castanha, aurea ou morena.

Quero uma goira só; para eu medil-a bem,
Diria á creança então, mais bella que ninguém:
Conserva-te de pé ante o sol da alvorada;

Tão longe, no gramado, a tua sombra fôr
Tambem meu mundo irá, nem o quero maior:
Gozo—que não se alcança—além de um sonho... é nada!

PERSONNE.

N. 6

SONHOS AMBICIOSOS

Se uma geira de terra—ou val, monte ou savana,
Tivesse, agua eu quizera: olho, rio ou ribeiro;
Plantára um vegetal: freicho, oliva ou salgueiro;
Um tecto erguêra lá: casa, albergue ou choupana.

Na arvore um doce ninho—ou lan, frouxel ou canna;
Retivera um cantor, pardal, melro ou lanieiro;
Doce leito em meu lar—berço, rede ou palheiro—
Guardára uma mulher: celta, lusa ou germana.

Quero uma geira só; para melhor medil-a,
A' moça para mim mais formosa eu dissera:
Em frente ao sol que nasce está de pé tranquilla;

Té onde a tua sombra além for projectar-se,
Té lá meu horizonte eu limitar quizera,
Pois sonho é todo o bem, que não póde alcançar-se.

FELICAR.

Observação.—Na traducção puz *lanieiro* em vez de tentilhão (*pinson*). O *lanieiro* (*lanius minor*) segundo se lê na *Historia natural popular* de Austelt (vol. I) « imita perfectamente a voz de

outros passaros e aprende a cantar como o rouxinol, a cotovia, a codorniz, etc.» Creio estar desculpada assim a liberdade que tomei.

N. 7

SONHOS AMOROSOS

Um terreno eu tivesse : em val', em veiga, em páramo ;
Com agua eu o quizera : ou fonte, ou rio, ou córrego ;
Plantára n'elle só : salgueiro, freixo, acácia ;
Um tecto eu construíra ; ou palha, ou telha, ou cálamo.

Fizera um ninho então com musgos, lans, gramineas,
Para um bello cantor : melro, pardal, *canôniço*; (1)
Na casa um doce leito : esteira, berço ou thálamo ;
Uma criança ahí : morena, ou rosea ou pallida.

Só uma geira, só, p'ra o olhar medil-a subito,
Eu diria á criança, essa p'ra mim pulcherrima,
—Diante do sol nascente, em pé queda-te rápida,

E não mais longe, não, que a tua sombra alongue-se,
Não mais longe também meu horizonte edenico.
Longe a ventura estando é sempre um sonho ephemero !

ZECA.

(1) *Canôniço* (Conejo, *cria* hespanhol), é o nome que no Rio de Janeiro dá-se, como no Rio da Prata e na Allemanha (domp-faffe) aos passaros que os francezes chamam—*bouvreuil*—e os portuguezes—*pisco*.

A condição dos tres vocabulos connexos nos segundos hemistichios dos oito primeiros versos, é feroz.

Consegui, entretanto, satisfazel-a, mas, tendo perdido a paciencia em traduzir o soneto no mesmo numero de versos, mesmo rhytmo, com a condição atormentadora de tres vocabulos connexos, (e em segundos hemistichios!) de oito versos, não quebrei mais a cabeça em buscar rima e terminei todos os versos por exdruxulos (proparoxitonos, chamam-n'os agora.)

Fica, bem sei, monotono (outro exdruxulo!) mas será aceitavel ?

Em varias poesias (verdade é que alternando com rimas agudas) o exdruxulo emprega-se sem rima... mas, de cima a baixo, é muito exdruxulo, é !

N. 8

SONHOS AMBICIOSOS

Se eu tivesse um terreno : morro, encosta ou baixada,
Quizera nelle corresse : rio, cascata ou ribeiro ;
Ahi plantára um' arvore : peroba, cedro ou pinheiro,
E ergueria o meu lar : cabana, choça ou malhada.

Na copa do lenho um ninho : seda, paina ou folhada,
Onde habitasse um cantor : melro, xexéo ou colleiro ;
Sob o meu tecto uma cama : barra, giráo ou palheiro
E ao meu lado uma joven : alva, morena ou queimada.

Somente um canteiro almejo e p'ra bem o demarcar
Eu diria a essa diva que me appraz contemplar :
Põe em pé frente ao sol que se ergue risonho,

Como a tua sombra tão longe se estende no monte,
Assim eu quizera limitar meu horizonte ;
Ventura não attingida não é real, é um sonho.

LIOMENIZ.

N. 9

SONHOS AMBICIOSOS

Quizera ter um chão—monte, prado ou vallada,
Banhado d'um crystal—lago, fonte ou ribeira,
Uma sombra ahi ter—ipé, cedro ou mangueira,
E um tecto para mim—telha, junco ou ramada.

N'um galho ledo ninho—hera, musgo ou meiada,
Abriando um cantor—melro, cuco ou rendeira,
N'um leito junto a mim—rede, berço ou esteira,
Uma filha a sorrir—loura, alva ou morenada. (1)

Quizera um trecho só, e assim o demarcára :
Uma gentil criança apenas collocára
Em frente ao sol rompendo em arrebol risonho,

Bastando o que attingisse a diminuta sombra
De seu corpo gracil na verde e fresca alfombra...
—A ventura que excede ao nosso alcance, é sonho.

LUIZ HORACIO.

(1) Dicc. de Faria: *Morenada*.

N. 10

SONHOS AMBICIOSOS

Se eu tivesse um terreno : ou valle, ou monte, ou prado,
Quizera agua alli ter : rio, fonte ou ribeira; (1)
Nelle plantára algum choráo, freixo ou oliveira; (2)
Um tecto erguera então : sapé, colmo ou telhado.

N'arvore, em cima, um ninho : ou musgo, ou lan, ou penna,
Guardaria um cantor : pardal, melro, ou capoeira; (3)
Sob o tecto o meu leito : ou berço, ou rede, ou esteira,
Teria uma mulher : creoula, alva, ou morena.

Quero um terreno só : para medil-o, um dia (4)
A' mulher mais formosa aos meus olhos, diria :
Põe-te em face do sol que desponta risonho;

A sombra que fizer teu corpo na verdura
Servirá de limite ao meu mundo... A ventura
Que está longe de nós, não é ventura, é sonho.

(Não trazia assignatura)

(1) *Ribeira* ou *ribeiro*. Encontro no dictionario que qualquer d'estas palavras tem a mesma significação.

(2) Neste verso as tres syllabas grammaticaes *xo, ou, o*, têm uma só syllaba poetica.

(3) Quiz empregar *colleira*, mas o dictionario não dá esta palavra. Escolhi então *capoeira*, passaro muito conhecido no Brasil. Mas sei que existe um certo *sabiá colleira*. Se os Srs. juizes quizerem, podem mudar.

(4) Outro modo de traduzir este verso :

Um terreno qualquer ; para medil-o um dia...

isto é, basta-me um terreno qualquer.
Outra traducção dos tercetos :

Um terreno qualquer. Para medil-o, um dia
A' mulher mais formosa aos meus olhos diria
Põe-te em face do sol que o horizonte já tinge;

A sombra que fizer ten corpo na verdura,
Servirá de limite ao meu mundo... A ventura
Só é ventura quando a nossa mão a attinge.

Lembrando-me que talvez não seja aceito o verso

Nelle plantára algum choráo, freixo ou oliveira,

aqui offereço uma outra traducção para o primeiro quartetto :

Se eu tivesse um terreno : ou valle, ou monte, ou prado
 Quizera agua alli ter : rio, fonte ou ribeiro ;
 Uma arvore plantára : olmo, freixo ou salgueiro ;
 Um tecto erguera então : sapé, colmo ou telhado.

Ou ainda :

Se eu tivesse um terreno, em val, monte ou savana,
 Quizera agua alli ter : rio, fonte ou ribeiro ;
 Uma arvore plantára : olmo, freixo ou salgueiro ;
 Fizera um tecto com telha, sapé, ou canna.

N. 11

SONHOS AMBICIOSOS

Ambiciono uma geira : monte, valle, outeiro,
 Nella um pouco d'agua : rio, fonte ou regato ;
 Uma arvore só : freixo, oliveira, salgueiro,
 E um simples colmo de canniça, telha ou matto.

Nessa arvore um ninho : frouxel, pennugem, grama,
 E uma ave a cantar : tentilhão, melro ou pardal ;
 Um leito sob o tecto : berço, esteira, cama ;
 E uma criança, de côr morena, alva ou astral.

Não mais que uma geira : p'ra medir, conhecel-a,
 Direi a que é, para mim, a mulher mais bella :
 Põe-te em pé ante o sol que surge n'amplidão,

E onde tua sombra se fôr perder no monte,
 Ahí quizera restringir meu horizonte :
 Mas, ventura que se não palpa é sonho vão !

ANATOLIO GERVAL.

N. 12

SONHOS AMBICIOSOS

Um cantinho de meu : collina, valle ou prado ;
 D'agua um pouquinho : arroio, ou fonte, ou cachoeira ;
 Uma arvore eu plantára : olmo, freixo, oliveira ;
 E um tecto alçara então : sapé, colmo, ou telhado.

Na arvore um ninho : lan, frouxel, relva ligeira ;
 E um cantor : tentilhão, pardal, melro afinado ;
 N'um leito : rede, esteira ou berço acolchoado,
 Uma criança : loura, ou morena ou trigueira.

Pequenito o meu reino : e por lhê dar medida
 Eu dissera á formosa entre mil escôlhda :
 « Põe-te de pé ao sol, nascente em céu risonho !

« Onde em relvoso chão tua sombra se inclina ;
 « Meu horizonte ahí, não mais alem, termina... »
 Si não n'a attinge a mão, toda a ventura é um sonho !

NADIR.

N. 13

AMBIÇÕES

Se eu tivesse um torrão : monte, valle ou clareira,
 Quizera-lhe agua ao pé : fonte, arroio ou caudal ;
 Uma arvore eu plantára : olmo, freixo ou limeira,
 E erguera um tecto a par : colmo, telha ou palhal ;

Na arvore um doce ninho : algodão, musgo ou ceira,
 Reteria um cantor : pisco, melro ou pardal,
 Na choça um leito a arfar ; rede, berço ou tabual,
 Guardára uma criança : alva, rosea ou trigueira.

Contenta-me um torrão ; por bem traçar-lhe a meta,
 Eu diria á criança, a mais bella e dilecta :
 Fica em pé contra o sol que além sobe risonho ;

Onde te eu vir na selva a sombra produzida,
 Ahí limitarei o horizonte da vida :
 Ventura além da mão, não é ventura, é sonho.

José Fino.

N. 14

SONHOS AMBICIOSOS

Quizera um chão de meu—valle, prado ou montanha,
 E nelle um crystal ver—lago, fonte ou banhado ;
 Para o sol uma sombra—acacia, olmo ou folhado ;
 E um tecto abrigador—colmo, hera ou guaricana.

Na rama alegre ninho,—erva, musgo ou maranha,
 Com um ledo cantor,—sahy, melro, avinhado ;
 Num leito, junto a mim,—berço, rede ou estrado,
 Uma filha a dormir,—morena, alva ou castanha.

Nada mais que uma nesga, e para bem medil-a
 Bastava uma gentil criança, em pé, tranquilla,
 Em frente ao sol rompendo em arrebol risonho,

Marcando o meu dominio a projecção de sombra
 De seu vulto gracil na verdejante alfombra...
 —Ventura é o que se alcança,—o mais na vida é sonho.

SEMILIO.

N. 15

SONHOS AMBICIOSOS

Se eu tivesse um terral: valle, planicie ou monte,
 Onde uma arvore ter :—freixo, oliva ou salgueiro,
 Agua eu quizera ahí : quèda, regato ou fonte,
 E um tecto construir : colmo, gigo ou telheiro.

Na arvore um ninho assim : frouxel, grama ou plumeiro,
 Conteria um cantor : pardal, melro ou *altimonti* ;
 E um leito no meu lar : berço, rede ou esteiro,
 Com uma criança ideal : loura ou morena a frente.

Nada mais que um terral ; para medil-o a jeito,
 Eu diria á criança a mais grata ao meu peito :
 Põe erecto ante o sol o teu perfil risonho,

E a sombra que na relva houveres projectado,
 O limite ser-me-ha do horizonte almejado :
 —Toda a felicidade intangivel é um sonho.

ESMERIL.

N. 16

SONHOS AMBICIOSOS

Si eu tivesse um terreno : encosta, monte ou val,
 D'agua banhado por : fonte, lago ou ribeira,
 Plantára um vegetal : freicho, cedro ou nogueira,
 E um tecto erguera após : choça, albergue ou casal.

Na arv're em ninho ideal : frouxel, paina ou esteira,
 Retivera um cantor : melro, pisco ou pardal,
 E num leito subtil : berço, rede ou pannal, (1)
 Uma bella mulher : alva, rosea ou trigueira.

Apenas um terreno ; e, p'ra bem medil-o, um dia,
 A dama mais gentil aos meus olhos, diria :
 — Põe-te diante do sol que resurge risonho :

Tanto quanto o gramado a tua sombra imite,
 Tambem meu horizonte ahí se delimite :
 Goso longe da mão não é ventura, é sonho !

A. FORTO.

(1) Pannal, panno cheio de palha. — Moraes.

Os autores das traducções ns. 4, 6, 7, 9, 10, 13,
 14 e 15 indicaram para juiz do concurso o Sr. Ar-
 thur Azevedo ; os autores das demais traducções
 indicaram os Srs. Machado de Assis (n. 1), Barão



COMMENDADOR RIBEIRO DE CARVALHO

de Paranapiacaba (n. 2), Dr. Luiz Delfino (n. 3), Olavo Bilac (n. 5), Alberto de Oliveira (n. 8), Dr. Luiz Murat (n. 11), Dr. Barata Ribeiro (n. 12), e Dr. Valentim Magalhães (n. 16).

Como só o primeiro d'aquelles nomes obtivesse maioria de votos, procedemos, em presença dos Srs. Henrique Lombaerts, Dr. Valentim Magalhães, Aluizio Azevedo, Francisco Silva e outras pessoas, ao sorteio de mais dous nomes entre os outros oito indicados. Em resultado d'esse sorteio, ficam juizes do concurso os Srs. Dr. Luiz Delfino, Olavo Bilac e Arthur Azevedo.

COMMENDADOR RIBEIRO DE CARVALHO

Damos hoje o retrato de um benemerito protector de orphans, um proteetor, porém, que não soccorre com a humilhante esmola, mas com o ennobecedor trabalho.

José Alves Ribeiro de Carvalho, natural da provincia de Traz-os-Montes, em Portugal, veio para o Brasil ha trinta annos e principiou a vida no commercio, onde foi desde caixeiro até negociante estabelecido.

Mas só em 1880 é que elle fez destacar a sua personalidade. Foi então que esse homem de bem teve a humanitaria ideia de criar um asylo-officina, para abrigo e soccorro honesto de orphans, um estabelecimento de educação, de instrucção e de trabalho, onde as pobresinhas desamparadas podessem preparar-se para a familia, para o lar, ganhando ao mesmo tempo honestamente a sua vida.

E foi assim que nasceu a beinfazeja *Fabrica Orphanologica de Flores*.

A sua primeira tentativa foi á rua Sete de Setembro, prosperou—mudou-se logo para uma casa maior na rua da Candelaria; prosperou ainda mais—passou-se então para o grande predio, hoje demolido, da rua do Passeio n. 28, onde o commendador Carvalho fez grandes reformas para uma installação definitiva.

E desde então a Fabrica Orphanologica começou a prosperar em largo, a trabalhar em grosso; o numero de alumnas subio a 83. Desenvolveu-se a industria, criaram-se novas officinas, de caixas de papelão, de madeira, officinas de tinturaria, de córte, de cestos e objectos de phantasia proprios para delicados depositos de flores artificiaes; e augmentou-se o numero de aulas; e aquelle grande estabelecimento humanitario começou a despejar no mercado, em alto, a industria de flores artificiaes para as variadas applicações, e grinaldas para noivas, e palmas, e coroas funebres.

E ahi, nesse modesto templo de trabalho, nesse tranquillo baluarte da fraqueza orphan e da virgindade desamparada, foram as pobres meuninas en-

contrar professores de primeiras letras, e aprendizagem de trabalhos domesticos, de costura, de engommagem, de arranjos de casa, e buscar um officio que será no futuro a garantia de sua vida e da sua honestidade.

D'esse ninho abençoado pelo trabalho já sahiram trinta e duas operarias para formar familia; já seis outras se acham estabelecidas fóra com officinas de flores e coroas de finados.

Em 1885 desapropriaram o predio em que tão prosperamente funcionava a benemerita instituição, e a fabrica mudou-se então para o palacete da mesma rua n. 38, depois de fazer no novo edificio as reformas necessarias. Graças ao seu director e fundador, o estabelecimento nada soffreu com a mudança, se é que não ganhou ainda.

Hoje acha-se elle em plena prosperidade.

Mas seria injustiça não notar a grande doze de perseverança, da coragem, de energia e de esforço que o seu fundador tem desenvolvido para alcançar tão bello resultado. O commendador Carvalho não descansa. Homem activo, dedicado de corpo e alma á boa causa qua abraçou, está disposto a dar até a vida pelo seu estabelecimento.

E foi assim que elle conseguiu vencer e chegar.

Não é um patrão, é um pae d'aquella grande familia sem mãe.

Com o coração de ouro que possui e com os seus preciosos dotes moraes, é querido e estimado por todos quantos o cercam. As moças que trabalham na fabrica, orphans todas, adoram-no, porque nelle veem o seu dedicado e unico protector, o guia da sua mocidade, a segurança da sua honra, a garantia de seu futuro.

A sua vida é, pois, um bello exemplo de bondade. Depois de fazer todo o bem que póde, elle só aspira a fazer uma coisa ainda—outra vez o bem.

E' por isso que o *Album* tem a satisfação de offerecer hoje aos seus leitores o retrato do honrado e bom commendador José Alves Ribeiro de Carvalho.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

Cá estou de volta, meus senhores, e antes de mais nada agradecendo, como me cumpre, a Marcos Valente o haver-me substituido nestas columnas durante a minha estada na capital da Bahia e sobre as ondas do mar.

Como venho de viagem, mais natural seria que d'esta vez a chronica flumineuse fosse escripta não por mim, mas para mim, e eu me limitasse a publicar as minhas impressões de viagem...

Mas não é justo que os leitores do *Album* fiquem sem chronica porque o chronista foi passeiar, nêma minha viagem foi tão longa ou tão interessante que dêsse para grandes narrativas.

Entretanto, eu poderia resumir as minhas impressões em muito poucas linhas. Era a quarta vez que pisava terras de S. Salvador; a ultima fôra em 1883; mas só lá tinha estado de passagem, apressadamente, com um paquete no porto á minha espera. Não é bom fiar-se a gente nas impressões fugitivas d'essas rapidas visitas, d'essas escapadelas de bordo. Eu fazia una idéa injusta d'aquella bellissima cidade, dos seus magnificos arrabaldes, de seu extraordinario movimento commercial e industrial, da sua população numerosa, caracteristica, pittoresca, e, sobretudo, nacional, porque a Bahia é inquestionavelmente a terra mais brasileira do Brasil.

A cidade tem ainda o seu perfume colonial; encontram-se ainda alli curiosos vestigios dos tempos de Francisco Pereira Coutinho, primeiro donatario da Bahia de Todos os Santos, ou do governador Thomé de Sousa. Entretanto, a cidade estende-se, fazem-se todos os dias novas construcções. Em havendo na população um pouco mais de sentimento esthetico, um pouco menos de predileção pela côr amarella que se nota na maioria das casas, o aspecto geral da cidade melhorará bastante.

Já não é tão suja a Bahia como ha dez annos. A municipalidade não é má. O intendente geral, um homem popularissimo, o Sr. conselheiro Almeida Couto, monta a cavallo todas as manhans, e vae pessoalmente, por todas as praças, ruas, la-deiras, beccos e viellas, desempenhar funcções de simples fiscal.

Muita sociabilidade. Não estive com um bahiano que não fosse um cavalheiro. Nota-se em toda a gente um desejo sympathico de obsequiar e servir. Trago as melhores recordações de alguns collegas de imprensa; estou muitissimo grato a Eduardo De-Vecchi, a amabilidade que se fez homem, e a Lellis Piedade, Bisarria, Aloysio de Carvalho, Requião, Neiva, Egas Muniz e outros.

*

Mas aonde me leva esta digressão de viajante? Ainda bem que a semana fluminense foi quasi exclusivamente politica, e portanto escapa á chronica do *Album*.

Fôra da politica tivemos coisas tristes, ainda mais tristes que ella: a dolorosa noticia do fallecimento de Amaral Valente, o nosso ministro na Austria-Hungria, um diplomata conceituado e honesto, e um barbaro assassinato, que veio revelar aos povos d'esta capital a existencia de uma *Maison Moderne da Cidade Nova*.

A.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VII

(Continuação)

A' simples vista, adivinhava-se a preocupação. As palavras da moça, ha bem pouco, pronunciadas em presença de Lucio, deviam ter sido ditadas por um sentimento até então estranho ao seu coração.

E facil é explicar a verdadeira causa.

Carmen, involuntariamente, fôra espectadora de parte da scena em que, no quarto de sua mãe, Dolores e Lucio se esgrimiram habilidosamente com as agudissimas armas de uma linguagem machiavelica. Na occasião em que o doutor tomára do pulso da doente imaginaria, um escrupulo aconselhou-lhe a que se retirasse d'aquelle recinto. Fel-o com a melhor intenção. Foi até a sala de visitas, passou exame aos seus albums; folheou-os com a paciencia da pessoa que se deleita todas as vezes que admira uma *aquarella*; tomou de sobre a estante de musica a primeira peça; abriu-a e leu a poesia que, ao lado esquerdo do pensamento musical stenographado, se estendia com todos os seus recortes de hexametros e pentametros, formando a linha sinuosa que abrange a ultima palavra de cada verso, a palavra da rima, que é a melodia da phrase, pronunciada com a inflexão propria de quem espera o termo que ha de tambem — melodia por seu turno — constituir a harmonia do trecho poetico. E, como se lhe pezassem nas mãos aquellas poucas paginas, sentou-se no banco do piano, e poz a musica na estante.

Foi neste movimento que á vista se lhe fixou no subtítulo que Lucio dera ao *romance* de Palloni. O primeiro impulso foi um applauso. Carmen accusou na physionomia uma alegria expansiva. Afinal tinha uma prova! Sim! Lucio deixava-lhe, alli, uma declaração do seu amor. Chegára, enfim, o momento que todas as mulheres esperam, como o mais solemne da vida, em que se lhes executa aos ouvidos a symphonia do amor.

Carmen, á vista d'aquella phrase, tão eloquente, tão palpitante, como se por acaso nella pulsasse o coração de Lucio, estudou-a minuciosamente. A principio abrangeu-a na leitura e por inteiro; depois foi de minucia em minucia, com o carinho do olhar que é a ultima expressão da ternura e do affago, examinou palavra por palavra e letra por letra.

Desceu até a apreciação da calligraphia.

Era má—calligraphia de medico. E, como não lhe podia dispensar um elogio, accrescentou á tacita observação da consciencia: E' legivel.

Se Lucio a sorprendesse, á sua declaração desde logo corresponderia outra por parte de Carmen.

Não que a tivesse verbalmente, porém por denuncia dos olhares que scintillavam, projectados sobre aquella phrase eloquente !

Occorreu-lhe um dos mais bellos pensamentos poeticos. Não se recordava onde, mas pouco tempo havia que lera algures, esta ideia que o autor punha em labios de donzella :

— Não fui eu ; foram os meus olhos que se atravessaram a declarar o meu amor !

Como tudo acaba, até mesmo as leituras dos subtítulos dos *romances* de Palloni, Carmen entendeu que nem se devia privar de admirar o autor do pensamento que lera momentos antes, a ella mesma dedicado, nem evital-o.

— Sim ! — pensou — afinal *elle* também tem o direito de ver-me.

E concluiu :

— Deve haver terminado o exame medico ; não será importuna a minha presença.

Juntando o gesto á palavra, ergueu-se e dirigio-se para o quarto de Dolores. Fel-o, porém, com essa maneira particular das pessoas que receiam que a sua presença seja de inconveniencia para os outros. Explica-se, por isso, a razão por que nem Dolores nem Lucio presentirám a aproximação de Carmen.

Ha coincidencias que parecem obra de Satanaz. A moça apresentou-se á porta do aposento precisamente no momento em que Lucio beijava affectivamente a mão de Dolores.

A impressão que d'aquella scena recebeu foi inesperada e forte. Abalou-se-lhe a alma. Um turbilhão de *hypotheses* levantou-se-lhe, revolucionado, no cerebro ; e do conjuncto d'ellas resultou que Carmen, não se podendo conter, deixára escapar um grito rapidamente abafado.

— Ouviriam?... interrogou ella, dirigindo-se a si mesma e reprovando a manifestação do seu asombro.

E, logo, sem dar tempo a que o physico se deixasse abater, correu, evadindo-se até o salão.

— O que occasionára esse movimento singularmente excentrico ? perguntarão os espiritos fortes.

E' bem facil a explicação. Basta observar o monologo *pronunciado* pela physionomia de Carmen.

Apenas chegára á sala de visitas, faltaram-lhe as forças. Um sofá proximo recebeu-a quasi desmaiada. Carmen não poderia contar as pulsações que lhe davam ao collo a apparencia de um respirador mecanico, movido a grande força de vapor. Escutou essa nota precipitada, forte e abatida na caixa thoraxica e propria das grandes commoções.

Nesse instante a razão suspendêra a sua acção, como que esperando pelo repouso do physico impressionado.

Afinal a natureza varonil da mulher não pode lutar com a dor.

Os olhos de Carmen injectaram-se de grandes bagos de lagrimas. Foram as primeiras que ella chorou, motivadas por assumptos de amor, ella que

até então entendia que esses devaneios de moços só poderiam despertar alegrias e enthusiasmos. Não fôra tão feliz como outras. Entrára nessa transacção de coração pagando o tributo de lagrimas, a expressão mais eloquente de nobreza, virtude e sinceridade.

Demorou-se por minutos em posição de acabrunhada, sumindo no lenço, ligeiramente perfumado, os olhos vergonhosos de tanto soffrimento. Depois a propria natureza reagio. As palpebras, castigadas pelo aspero contacto do linho, mostraram-se fortemente rosadas, como se por ventura as queimasse a chamma abrasadora que até então não podêra derreter a gelidez apparente e apregoada por todos que conheciam cu julgavam adivinhar-lhe o caracter.

As lagrimas são as valvulas de segurança, por onde a natureza faz escapar parte da dor sufficiente para aniquilar os mais fortes.

Apparentemente tranquillizada, Carmen entregou-se, então, a toda a sorte de conjuncturas.

As primeiras designavam uma forte accusação á sua propria mãe. Dolores era ainda moça, bastante linda para inspirar amor. D'ahi a supposição de que Lucio não lhe podia ter beijado a mão sem premeditar enlevos. Mas... como ser assim, se era casada a mulher a quem o doutor pretendia dar todo o seu sentimento de affecto ?

Foi o que lhe revolucionou o espirito. Amava ; não calculou a intensidade senão ao ver que, de um momento para outro, poderia perder a ventura que ambicionava.

— Terei ciumes ? — pensou, como quem tirava conclusão d'aquelle amontoado de ideias e supposições.

E o raciocinio suspendeu-se na duvida.

De ponto em ponto, deteve-se na verdade.

— Ha beijos que exprimem respeito. O de Lucio podia ser d'esses.

E sorriu. E' o esforço que fazem os afflictos que não querem desapossar-se da esperanza. Não durou. A razão volteou e reatou o fio das primeiras ideias.

— Não — murmurou — quando ha mocidade não ha tantas manifestações de respeito.

E accrescentou com decisão :

— E a que vem agora Lucio declarar-se tão respeitador de minha mãe ?...

Não continuou ; o espirito demorou-se n'umas reticencias investigadoras.

Não entendia bem o alcance da accusação, tatica que fazia a Dolores, mas adivinhou que, em tudo quanto lhe acabava de passar pelo cerebro, havia qualquer coisa de monstruoso e extremamente serio.

O effeito, consequente a esta ideia, foi desfavoravel ao juizo que Carmen até então fazia de Lucio.

— Decididamente — disse comsigo e pezando todas as palavras — *este homem* apparenta amar-me e engana-me com as suas phrases habilidosa-mente estudadas ; aproveita-se de minha inexpe-

riencia para illudir os estranhos. Que lhe importa que a nossa sociedade montevideana, tão facil em dar-nos pretendentes, me aponte como a escolhida? Convem-lhe, talvez, isso mesmo, para salvar as apparencias!... Mas... onde quer elle chegar, se é verdade que ama Dolores?... Não!... é minha mãe! Ha um grande equivoco em tudo isto!... Não pôde ser assim!... tenhamos paciencia e estudemos os actos de Lucio.

Carmen não aceitou este raciocinio, e, como quem se queria afastar d'elle, como quem receiava ser victima de uma influencia inexplicavel, levantou-se do sofá, deu alguns passos pelo salão.

Passou por junto do piano. Lá estava o romance de Palloni, na estante, ao seu lado. Abriu-o! Leu de novo o subtítulo: *Noi ci ameremo ancora*.

— Que differença de impressão! Cada palavra, cada letra não tinha o mesmo brilho! Era uma irrisão! Offendia-a!

Tremeram-lhe as mãos. Correu á pequena gaveta de movel proximo; abriu-a; tirou uma gomma-elastica, que servia para o professor de piano fazer as correcções indispensaveis e destruir o que havia de falso no gravador da lithographia. Com phrenesi de desesperado calcou-a sobre a phrase, escripta a lapis, e, com movimento rapido e nervoso, fez desaparecer a obra piegas do enamorado.

— Extinguem-se d'este modo as minhas primeiras illusões!

Um prolongado suspiro acompanhou este gesto energico. Voltou-se então, pousou a musica na estante do piano, sentou-se, e ferio as primeiras notas do romance.

Foi neste momento, que Dolores e Lucio ouviram os primeiros accordes. A musica retemperára os animos.

A pouco e pouco, Carmen foi-se deixando vencer e dominar pela franqueza da melodia. Foi esta a razão pôr que não foram presentidos os passos do moço, que se approximava cautelosamente.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa,)

THEATROS

A companhia franceza de que faz parte a Judic, deu-nos até hoje, quinta feira, 8, depois da *Femme à papa*, mencionada no ultimo numero do *Album*, as seguintes peças: *La cigale*, de Meilhac e Halévy, *Les charbonniers*, de Philippe Gile, *Le parfum*, de Ernest Blum e Raul Touché, *La Roussotte*, de Meilhac e Millaud,—além de uma infinidade de cançonetas, e de alguns *levers de rideau* em que não apparece a celebre artista.

A pessoa que escreve estas linhas applaudiu em Pariz, ha dez annos, na *Cigale*, a não menos cele-

bre Celine Chaumont, e tem o desprazer de notar que, representando essa espirituosa comedia, a Judic não vale o que valia a sua illustre collega: está muito pesada para o papel. O actor Simon, esse imita o melhor que pôde o actor Dupuis. Releva dizer que a comedia de Meilhac e Halévy foi desnaturada por mãos profanas, que lhe metteram musica, e que musica!

Nos *Charbonniers* é inimitavel o trabalho da Judic, transformada em carvoeira *auvergnate*; mas o seu *partenaire*, o actor Simon, aliás talentoso, fez-nos saudades do Huguenet.

No *Parfum* não tem a Judic um dos seus melhores papeis, nem ella o fez em Pariz. De resto, a comedia, immoral até o cynismo, não dá margem ao talento de uma actriz excepcional.

Fallem-nos da *Roussotte*, isso sim! Da primeira á ultima scena a Judic é a Judic, a Judic authentica, a Judic do boulevard, e não a Judic das *tournées en Amerique*.

Na cançoneta franceza a *diva* continúa a ser unica: não ha nem haverá quem a exceda nesse genero ligeiro mas difficillimo. Ouvir o *Ne me chatouillez pas* ou *Les noisettes*, para só citar duas cançonetas, é uma das maiores delicias que Deus me concedeu neste mundo. Como actriz, não tem a Judic uma reputação invulneravel; mas como *diseuse* de cançonetas, o seu logar ha muito tempo está assignalado na historia da arte do theatro: o seu nome será eterno.

*

A companhia portugueza que trabalha no Apollo deu-nos a *Consciencia*, drama de Campos Junior, e a *Dama das camelias*. Esta ultima peça subio á scena em beneficio da distincta actriz Amelia Vieira. Não tivemos o prazer de assistir a nenhum d'esses espectaculos.

*

A companhia Sousa Bastos, que voltou de São Paulo, festejou no Lucinda o centenario da revista *Tim tim por tim tim*, e parte para Pernambuco a 20 do corrente.

*

Para S. Paulo partio a companhia Dias Braga, do Recreio Dramatico.

*

Chegou a companhia portugueza do theatro D. Maria II, de Lisboa, cuja estreia já está annunciada.

*

Está em viagem para o Rio de Janeiro a grande Sarah Bernhardt.
Deus a traga!..

X. Y. Z.